

## APRESENTAÇÃO

Leonardo Tonus (Sorbonne Université)

Luiz Manoel da Silva Oliveira (UFSJ)

Shirley de Souza Gomes Carreira (UERJ/ FAPERJ/ CNPq)

A figura do negro na literatura canônica foi construída a partir de pontos de vista que evidenciam estereótipos produzidos por uma estética branca eurocêntrica, que a relegou a uma posição secundária e subalterna. Embora tematizado ou representado, o negro não tinha voz. No âmago dessa afasia cultural está o fato de que o processo da diáspora africana implicou dispersão, desterritorialização, o que gerou uma séria crise de identidade. Conquanto seja possível encontrar textos de autoria negra no fim do século XVIII, caso de Phillis Wheatley, primeira negra a publicar um livro de poesia em inglês, não era a voz do negro que efetivamente se enunciava, dada a influência da cultura americana.

As primeiras tentativas nesse sentido ocorreram, em sua maioria, ao longo do século XIX, por meio de relatos de escravizados, as *slave narratives*, que consistiam em uma forma de denúncia das atrocidades cometidas pelo regime escravocrata. Entretanto, muitos desses relatos foram escritos com o auxílio de abolicionistas brancos, visto que nem todos os autores sabiam efetivamente ler e escrever. Dentre os que eram capazes de escrever suas autobiografias,

destacava-se Frederick Douglass, que se tornou um líder abolicionista nos Estados Unidos.

Ao longo do século XX, esse perfil começou a ser arduamente desconstruído por meio de uma literatura de autoria negra que, aos poucos, obteve maior espaço no mercado editorial e, rompendo com os contratos de fala e escrita hegemônicos, engajou-se na luta contra o racismo na estrutura social. A gênese das manifestações literárias negras expressivas deu-se na década de 1920, com o chamado Renascimento Negro Norte-americano, cujas vertentes – Black Renaissance, New Negro e Harlem Renaissance – resgatavam os vínculos com o continente africano, desprezavam os valores da classe média branca americana e produziram textos que se tornaram instrumentos de denúncia da segregação social, bem como instigavam a luta por direitos civis dos afrodescendentes e contra o preconceito racial.

A literatura produzida por autores(as) afrodescendentes, voltou-se, assim, para o passado, estabelecendo diálogos com a história para reinterpretá-la e promover o resgate da cultura negra. Ao assumir o poder de enunciação, os autores, intelectuais e ativistas negros se reapropriaram do discurso, da imagem dos negros e de sua memória.

Nos Estados Unidos, a partir de 1966, com a publicação de *Jubilee*, de Margaret Walker, e no rastro dos movimentos pelos direitos civis, essa reapropriação deu origem a uma vertente literária, denominada neonarrativas de escravidão, cujo objetivo era o resgate da história não oficial dos escravizados e suas formas de resistência, cujo impacto fez-se sentir em obras como *Raízes*, de Alex Haley (1976), se solidificou na década de 1980, com *Beloved*, de Toni Morrison (1987), e continuou a expandir-se, alcançando outros países em que o sistema escravocrata esteve presente, como a Inglaterra e o Canadá, onde *O livro dos negros* (2007), de Lawrence Hill, causou forte impacto e foi o ponto de partida para uma série televisiva com o mesmo título. No Brasil, é possível detectar um movimento equivalente, com o surgimento de romances como *Um defeito de cor*, de Ana Maria Gonçalves (2006), e *Água de barreira*, de Eliana Alves Cruz (2016).

Há que enfatizar, também, que as características da literatura de autoria negra alteram-se dependendo do país e do contexto histórico de produção. Assim, a literatura produzida no início do século XX nos Estados Unidos foi diferente daquela que surgiu em Cuba, o Negrismo Crioulo, que, por sua vez, diferiu dos textos produzidos por membros do movimento da Negritude, nascido em Paris, na década

de 1930. Semelhantemente, a produção de autores negros no Brasil assumiu características próprias. A experiência de ser negro em cada um desses locais é também marcada pela diversidade.

No contexto brasileiro, o conceito de escrevivência, cunhado por Conceição Evaristo em 1995, aponta para a contaminação da escrita pela subjetividade do escritor e tem norteadas reflexões acadêmicas sobre a literatura de autoria negra, visto que a inscrição da experiência marcada pela adversidade tem sido uma constante na produção afrodescendente de diversos países. Assim, os traços autobiográficos impregnam os textos de inúmeros autores do passado e do presente, entrelaçando a ficção e a poesia com o testemunho.

Ainda no contexto brasileiro, há também que considerar produtos culturais, como a música, a dança, o jogo de capoeira, a culinária e certos modos de vivência religiosa que são apontados como aspectos peculiares da nação brasileira, distinguindo certa africanidade reinventada no Brasil; produtos que se tornaram objeto de obras que tomam o campo literário como espaço de discussão das formações ideológicas em torno da contribuição negra para nossa formação cultural.

Por fim, as assim denominadas diásporas contemporâneas propiciaram o surgimento de narrativas de autores(as) negros(as) imigrantes, como Chimamanda Ngozi Adichie e Imbolo Mbue, dentre outros, que abordam questões relativas à subjetividade negra e ao processo de integração a uma nova cultura.

Este número da revista *Caderno Seminal* organiza-se em torno do dossiê “O negro na literatura: perspectivas teórico-críticas”. A qualidade dos textos submetidos e aprovados levou à necessidade de dividir o dossiê em dois números. Este número compõe-se de treze artigos, que contemplam os seguintes eixos temáticos: perspectivas teóricas acerca da presença do negro na literatura, a escrita de Conceição Evaristo, a configuração da voz do narrador na literatura afro-brasileira, o erótico como resistência, bem como análises de romances de Eliane Alves Cruz, Jeferson Tenório e Nei Lopes.

O primeiro artigo do dossiê intitula-se “Literaturas femininas afro-diaspóricas na contemporaneidade: enfoques e perspectivas”. Nele, Maria Aparecida Salgueiro, aborda as literaturas femininas afro-diaspóricas em espaços geopolíticos específicos das Américas na contemporaneidade. Ao fazê-lo, perpassa as literaturas afro-americana, afro-brasileira, e caribenha de língua inglesa,

ênfatisando a relação entre a formação de identidades e o processo de tradução cultural que ocorreu nas diásporas, bem como o percurso da Literatura Negra nos séculos XX e XXI e sua constituição como discurso de resistênça. Finaliza o artigo abordando a poesia *slam* e sua contribuição para a revisão do passado colonial, focalizando o presente ao mesmo tempo em que lança olhares para o futuro.

No segundo artigo, “Formação da Literatura Afro-Brasileira: memória e heranças díspares”, Heloísa Toller Gomes detém o seu olhar sobre a formação da Literatura Afro-Brasileira e aspectos de sua escrita literária (poética e ficcional em prosa), especificamente no uso metafórico do tempo, do espaço e do corpo. Ao focalizar algumas das questões e dificuldades com as quais a criatividade da produção literária afrodescendente se defronta atualmente, na formulação de uma positividade própria. A autora ênfatisa a dinâmica espaço-tempo que incorpora o corpo silenciado, vitimado pela crueldade e privação, sensual e erotizado, mas também como um corpo resistente. E, finalmente, como *corpus* de uma literatura que funde memória e espaço à expressão literária do passado e do presente.

No texto intitulado “Autonomia e episteme do pensamento crítico afrodescendente: apontamentos

para a historiografia e crítica literária latino-americana”, Rogério Mendes discute a ausência das contribuições afrodescendentes para o processo de formação da literatura hispano-americana pela historiografia e crítica literária e curricularização escolar. O autor argumenta que essa falta de destaque se deve ao fato de que as análises crítico-estruturais das literaturas afrodescendentes têm partido de referências ocidentais. Defendendo uma “Pedagogia da Escuta”, ele reitera a importância de se ouvir os afrodescendentes em seus lugares de expressão; de estudar suas cosmogonias e cosmovisões segundo a ótica desses sujeitos. Exemplifica citando a *cimarronaje* como fundamento de representação da intelectualidade afrodescendente na América Latina, bem como outras expressões, tais como poesia dub, a poesia-son e o rap, e reitera a importância dos saberes afrodescendentes, que também se apresentam como narrativa, e podem levar a uma amplitude da compreensão do que se reconhece como valores, éticos e estéticos.

Em “Princípios teóricos da literatura escreviente”, Felipe Fanuel Xavier Rodrigues propõe uma avaliação crítica das articulações teóricas emergentes na literatura afro-brasileira, com ênfase na perspectiva seminal que

caracteriza a originalidade intelectual de Conceição Evaristo. Partindo de uma leitura genealógica do conceito de escrita comprometida com a vida, ele analisa implicações teóricas das produções literárias de mulheres negras e, em particular, o conceito de “escrevivência” que constitui fundamentos para uma reflexão sobre uma literatura que resulta da intersecção entre a literatura e a experiência de ser negro no Brasil.

Na sequência, em “Autoridade e resistência: a literatura evaristiana denunciando violências contra a voz e o corpo negro femininos”, Imara Bemfica Mineiro e Valdício Almeida de Oliveira focalizam a autoridade evaristiana para denunciar a persistência de violências contra mulheres negras na contemporaneidade. Compreendendo a literatura como uma prática discursiva que reflete as relações de poder e as contradições da sociedade na qual é produzida, tecem uma leitura descritivo-interpretativa do conto “Aramides Florença” destacando práticas de violências contra o corpo negro feminino.

Em “Becos da memória: território, corpo e reinvenção”, Amanda Fernandes Franco e Claudia Luiza Caimi reportam-se à escrevivência como um manifesto potente que busca romper com paradigmas excludentes ao inscrever um

corpo autoral por meio de um gesto de escrita. Tendo por base uma análise do romance *Becos da memória*, de Conceição Evaristo, as autoras buscam demonstrar como a obra não só denuncia a barbárie e a desumanidade dos vitoriosos e civilizados, mas, também, por meio do método da *escrevivência*, narra uma história individual, se insurge como uma insubordinação, demarcando o lugar da voz que narra como lócus de ruptura da invisibilidade do negro.

Em seguida, no artigo intitulado “A arte da guerra na literatura brasileira: estratégias de Conceição Evaristo no campo de batalha”, Marcelle Ferreira Leal aborda analiticamente as estratégias desenvolvidas por Evaristo em diálogo com intelectuais que refletem sobre as temáticas étnico-raciais, como Grada Kilomba e Lélia Gonzalez. Partindo do conceito de Literatura Negro-Brasileira, ela aborda a gênese do termo “*escrevivência*” e o modo como ele demonstra a participação do corpo e da subjetividade na construção das narrativas de Evaristo. Como estratégias particulares da autora, menciona, dentre outras, a afirmação da validade do corpo negro, o movimento de retorno ao passado, a denúncia dos métodos de exclusão do sistema e o valor da ancestralidade.

Em “A identidade narrativa e a configuração da voz do narrador na literatura afro-brasileira”, Edson Ribeiro da

Silva discorre sobre os riscos que estéticas que consentem um peso excessivo à informação de natureza historiográfica representam para a encenação de vozes como representantes de identidades narrativas. Partindo de uma discussão acerca do conceito de identidade narrativa, o autor perpassa o papel da tradição oral na constituição de identidades nas narrativas de povos ancestrais, bem como reflete sobre a identidade como tendência historiográfica e como exibição de subjetividade, para, por fim, abordar a voz do narrador como configuração estética.

No artigo seguinte, intitulado “*Água de barrela*, de Eliana Alves Cruz: por uma poética de repovoamento”, Paulo César Silva de Oliveira propõe uma leitura de *Água de barrela*, de Eliana Alves Cruz, discutindo o papel da narrativa na ficcionalização da saga familiar da autora que, inserida na série histórica, elabora o que o autor denomina “Poética de Repovoamento”. O autor reflete sobre o romance a partir do aparato teórico da Decolonialidade, demonstrando como a violência biopolítica do colonialismo promoveu uma mutilação física simbólica, linguística e espiritual nos escravizados. Entretanto, mostra também que o resgate dos arquivos pela literatura contemporânea, seja através da história oral ou pelos relatos de memória, ou ainda nas

imagens, cartas, notas, bilhetes etc., promovem um roteiro de recuperação da memória nacional que acaba por repovoar a história.

Em “Luto, melancolia e criação ficcional em o avesso da pele, de Jeferson Tenório”, André Luís Gomes de Jesus defende que o romance, cujo narrador oscila entre participante, testemunha e, em alguns casos, mobilizador de uma onisciência seletiva, pode ser lido como um libelo contra o processo de marginalização dos corpos dissidentes. Ao reinventar a figura do pai, assassinado pela polícia, o narrador tece reflexão não só das questões étnico-raciais, mas também do processo de diálogo com as noções de morte, luto, melancolia e temporalidade.

No penúltimo artigo, intitulado “O erótico como resistência em ‘Luamanda’ e ‘Mais iluminada que outras’”, Lidiane Lima de Vasconcelos e Gilvaneide de Sousa Santos fazem uma leitura comparativa dos contos “Luamanda”, de Conceição Evaristo, e “Mais iluminada que as outras”, de Jarid Arraes. Partindo de textos de Chimamanda Ngozi Adichie, do conceito de “escrevivência” de Conceição Evaristo, do conceito de erótico de Audre Lorde e das imagens lançadas sobre as mulheres negras brasileiras pela perspectiva de Beatriz Nascimento e Lélia Gonzalez,

as autoras abordam o erótico como resistência e não como projeção de hipersexualização.

“Descentramentos e deslocamentos decoloniais em Rio Negro, 50 de Nei Lopes” é o último artigo do dossiê. Nele, Consoelo Costa Soares Carvalho e Divanize Carbonieri buscam demonstrar que o romance se apresenta como uma expressão de recusa à objetificação e à indigência do negro, de forma a estabelecer deslocamentos e descentramentos de valores e significados estereotipados em torno dos negros. Ao fazê-lo, a obra apresenta estratégias narrativas que interrogam os universalismos, na medida em que temas, perspectivas e linguagens, considerados menores, inferiores ou residuais pela tradição literária, são transformados por Lopes em literatura.

Uma entrevista com Mia Lecomte, poeta, crítica, ensaísta e pesquisadora franco-italiana, que tem se dedicado também à divulgação da literatura produzida por escritores imigrantes em italiano, encerra o número.

Boa leitura!